

José das Candeias Sales, Susana Mota - Tutankhamon em Portugal (1923-1926): Da superstição ao ensaio académico ou os percursos que vão da «maldição da múmia» ao Hino a Aton - História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 8 n° 2. 2018. 221-252. DOI: 10.21747/0871164X/hist8\_2oe1

**Tutankhamon em Portugal (1923-1926): Da superstição ao ensaio académico ou os percursos que vão da «maldição da múmia» ao *Hino a Aton***

**Tutankhamon in Portugal (1923-1926): From the superstition to the academic essay or the paths from the «curse of the mummy» to the *hymn to Aton***

**Toutankhamon au Portugal (1923-1926): De la superstition à l'essai académique ou les parcours qui vont de la «malédiction de la momie» à l'*Hymne à Aton***

**Tutankhamón en Portugal (1923-1926): De la superstición a ensayo académico o las rutas que van desde la «maldición de la momia» al *Himno a Aton***

José das Candeias Sales  
Universidade Aberta-CHUL  
jose.sales@uab.pt

Susana Mota  
CHAM-FCSH-Universidade NOVA de Lisboa  
susana-mota@hotmail.com

**Resumo:** A descoberta do túmulo de Tutankhamon, em 1922, foi noticiada pela imprensa internacional de todo o mundo, incluindo Portugal. Quer a imprensa (valorizando a tese supersticiosa da «maldição da múmia»), quer a publicação do romance policial *A Profecia ou O Mistério da Morte de Tut-Ank-Amon*, da autoria de Fernando de Carvalho Henriques (que constitui o primeiro romance publicado a nível internacional inspirado na grande descoberta arqueológica egípcia), quer ainda os ensaios académicos de Humberto Pinto de Lima na revista *Diónyssos* (que incluem a primeira tradução para português do *Hino a Aton*) demonstram como foi rececionado entre nós, entre 1923 e 1926, o fabuloso achado arqueológico egípcio.

**Palavras-chave:** Tutankhamon, Imprensa, Literatura de ficção, Conhecimento científico.

**Abstract:** The discovery of the tomb of Tutankhamon, in 1922, was reported by the international press all round the world, including Portugal. Between us, from 1923 to 1926, the fabulous archaeological find was reported by the press (valuing the superstitious thesis of the "mummy's curse"), by the publication of Fernando de Carvalho Henriques's Tut-Ankh-Amon's crime novel *A Profecia ou O Mistério da Morte de Tut-Ank-Amon* by (which is the first novel ever published at an international level inspired by the great Egyptian archaeological discovery), and by the academic essays of Humberto Pinto de Lima in the journal *Dionysos* (that includes the first translation to Portuguese of the *Hymn to Aton*).

**Keywords:** Tutankhamun, Press, Literary fiction, Scientific knowledge.

José das Candeias Sales, Susana Mota - Tutankhamon em Portugal (1923-1926): Da superstição ao ensaio académico ou os percursos que vão da «maldição da múmia» ao Hino a Aton - História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 8 n° 2. 2018. 221-252. DOI: 10.21747/0871164X/hist8\_2oe1

**Resumé :** En 1922, la découverte de la tombe du pharaon Toutankhamon a été annoncée par la presse du monde entier, celle du Portugal y compris. Plusieurs éléments démontrent de quelle façon, entre 1923 et 1926, nous avons reçu la fabuleuse découverte archéologique égyptienne par la presse (en valorisant la théorie superstitieuse de la «malédiction de la momie»), la publication du roman policier de Fernando de Carvalho Henriques qui s'appelle *A Profecia ou O Mistério da Morte de Tut-Ank-Amon* (premier roman publié à un niveau international qui s'inspire dans la grande découverte archéologique égyptienne), mais également les essais académiques de Humberto Pinto de Lima dans la revue *Diônysos* (qui comprennent la première traduction en portugais du *Hymne à Aton*).

Mots-clés : Toutankhamon, Presse, Littérature de fiction, Connaissance scientifique.

**Resumen:** El descubrimiento de la tumba de Tutankhamón, en 1922, fue divulgado por la prensa internacional de todo el mundo, incluyendo Portugal. Tanto la prensa (valorizando la tesis supersticiosa de la «malédiction de la momia»), como la edición de la novela policial *A Profecia ou O Mistério da Morte de Tut-Ank-Amon*, de Fernando de Carvalho Henriques (que constituye la primera novela publicada a nivel internacional inspirada en el gran descubrimiento arqueológico egipcio) y como los ensayos académicos de Humberto Pinto de Lima en la revista *Diônysos* (que incluyen la primera traducción al portugués del *Himno a Aton*) demuestran cómo fue recibido entre nosotros, entre 1923 y 1926, el fabuloso hallazgo arqueológico egipcio.

**Palabras clave:** Tutankhamon, Prensa, Literatura de ficción, Conocimiento científico.

Quando, em 2016, iniciámos o projeto *Tutankhamon em Portugal. Relatos na imprensa portuguesa (1922 – 1939)*, a nossa intenção era, na ótica dos estudos da Receção da Antiguidade, estudar a forma como os jornais portugueses tinham destacado e relatado a descoberta do túmulo de Tutankhamon, no Vale dos Reis, em Luxor ocidental, por Howard Carter (1874-1939) e por Lord Carnarvon. O levantamento do eco desse acontecimento nos jornais portugueses teve como balizas cronológicas os anos de 1922 (ano da descoberta) e 1939 (ano que assinala, simultaneamente, a morte de Carter e a descoberta de outros túmulos reais egípcios intactos, em Tânis, no Delta oriental, pelo arqueólogo francês Pierre Montet). Sabíamos de antemão como, por força da extensa e continuada cobertura da imprensa internacional, sobretudo dos jornais ingleses e franceses, haviam sido transmitidas de forma inusitada as peripécias da sensacional descoberta da manhã daquele sábado 4 de novembro de 1922 (uma escada de pedra com 15 degraus), a abertura oficial do túmulo na presença de Lord Carnarvon e de sua filha Lady Evelyn Herbert, a 29 de novembro do mesmo ano, e os dez anos que se lhes sucederam de escavação das quatro pequenas salas, que trouxeram à luz do dia mais de 5000 artefactos, captando a atenção e a imaginação dos mais variados públicos.

José das Candeias Sales, Susana Mota - Tutankhamon em Portugal (1923-1926): Da superstição ao ensaio académico ou os percursos que vão da «maldição da múmia» ao Hino a Aton - História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 8 nº 2. 2018. 221-252. DOI: 10.21747/0871164X/hist8\_2oe1

Para o período em causa, apurámos um total de 234 notícias em 28 periódicos<sup>1</sup>. Atendendo à tipologia de publicação, temos jornais e revistas, de cariz diferenciado<sup>2</sup>. Quanto às datas de publicação, este conjunto alargado de periódicos apresenta duas situações diferentes: títulos que foram publicados durante os 17 anos em análise e publicações que cobrem apenas uma parte do período em estudo, seja o início dos anos 20 do século XX, o final dos anos 20/ princípio dos anos 30 ou o final dos anos 30<sup>3</sup>. Quanto ao número de notícias publicadas (desde apenas uma notícia até 27), quanto ao número de notícias por ano e quanto à sua tipologia há também diferenças entre estes periódicos. O ano com maior número de notícias é 1923 (117 notícias), seguido de 1924 (94 notícias). Nestes dois anos, deparamo-nos, assim, com 211 das 234 notícias, ou seja, com 90% do total apurado (Gráfico 1).



**Gráfico 1:** Número de notícias por ano

<sup>1</sup> 24 jornais, todos diários (16 matutinos e 8 vespertinos), 19 publicados em Lisboa e 5 no Porto (*A Capital*, *A Época*, *A Imprensa Nova (Série I)*, *A Pátria*, *A Tarde*, *A Tribuna*, *A Vanguarda*, *Correio da manhã*, *Diário da manhã*, *Diário de Lisboa*, *Diário de Notícias*, *Jornal de Notícias*, *Novidades*, *O Comércio do Porto*, *O Comércio do Porto – Ed. da Tarde*, *O Dia*, *O Mundo*, *O Primeiro de Janeiro*, *O Radical*, *O Rebate*, *O Século*, *O Século – Ed. da noite*, *República (Série I)* e *República (Série II)*), e 4 revistas (*ABC: Revista Portuguesa*, *Dyónisos*, *Ilustração Portuguesa* e *O Domingo Ilustrado*).

<sup>2</sup> Das 4 revistas, 3 são semanais (todas de Lisboa) e constituem, no fundo, complementos ilustrados das informações veiculadas pelos matutinos e vespertinos, e uma mensal-anual, editada em Coimbra (*Dyónisos. Revista Mensal de Philosophia, Sciencia e Arte*), assumindo uma feição científico-académica.

<sup>3</sup> Dois dos jornais integrados no nosso corpus, a saber, *Diário de Notícias* e *Jornal de Notícias*, o primeiro fundado a 29/12/1864 e o segundo a 2/6/1888, ainda hoje se publicam em Portugal (Lemos, 2006: 260-263; 390-392).

José das Candeias Sales, Susana Mota - Tutankhamon em Portugal (1923-1926): Da superstição ao ensaio académico ou os percursos que vão da «maldição da múmia» ao Hino a Aton - História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 8 n° 2. 2018. 221-252. DOI: 10.21747/0871164X/hist8\_2oe1

Esta esmagadora preponderância é justificada pelo facto de estes dois anos serem aqueles com maior número de factos ocorridos em torno da descoberta: em 1923 tiveram lugar, entre outros, a abertura oficial do túmulo e a morte de Lord Carnarvon; em 1924 continuam os trabalhos no túmulo e destacam-se os problemas ocorridos entre H. Carter e o governo egípcio sobre a continuação dos trabalhos de escavação<sup>4</sup>. A investigação permitiu-nos também, paralelamente, identificar o romance *A Profecia ou O Mistério da Morte de Tut-Ank-Amon*, da autoria de Fernando de Carvalho Henriques, editado em Lisboa, em 1924. Indubitavelmente, trata-se de uma obra literária que resultava da estima do seu Autor pela história egípcia antiga então em voga, com o recente estímulo fornecido pela descoberta do túmulo daquele faraó egípcio. Da mesma forma, a descoberta teria também forte eco académico, como pudemos apurar: em 1925 e 1926, na revista *Diónysos. Revista Bimestral de Filosofia, Sciencia e Arte*, editada em Coimbra, Humberto Pinto de Lima publica três ensaios, genericamente intitulados «Quem era Tutankhamen», cujo principal objectivo era aprofundar o conhecimento científico sobre este faraó egípcio e sobre a época em que viveu. A pesquisa feita permitiu-nos, pois, entender que o impacto das movimentações arqueológicas em território egípcio extravasou o campo estrito dos jornais portugueses. Neste texto apresentaremos com algum detalhe exemplos significativos das diferentes formas (jornalística, literária e académica) como foi feita em Portugal a recepção da Antiguidade centrada no túmulo de Tutankhamon, procurando esclarecer as motivações, características, intuítos e impactos de cada um desses contributos.

### «A maldição da múmia»

As 234 notícias publicadas na imprensa portuguesa entre 1922 e 1939 sobre a descoberta e as escavações do túmulo de Tutankhamon não tinham todas as mesmas características e valências, nem mereceram exatamente o mesmo tratamento jornalístico-

---

<sup>4</sup> O ano de 1939, o que encerra a nossa cronologia de pesquisa, aparece em terceiro lugar, ainda que com apenas 10 notícias, todas elas dedicadas ou à morte de Howard Carter (3 notícias) ou às novas descobertas que então ocorreram em Tânis, sob a supervisão de Pierre Montet (7 notícias).

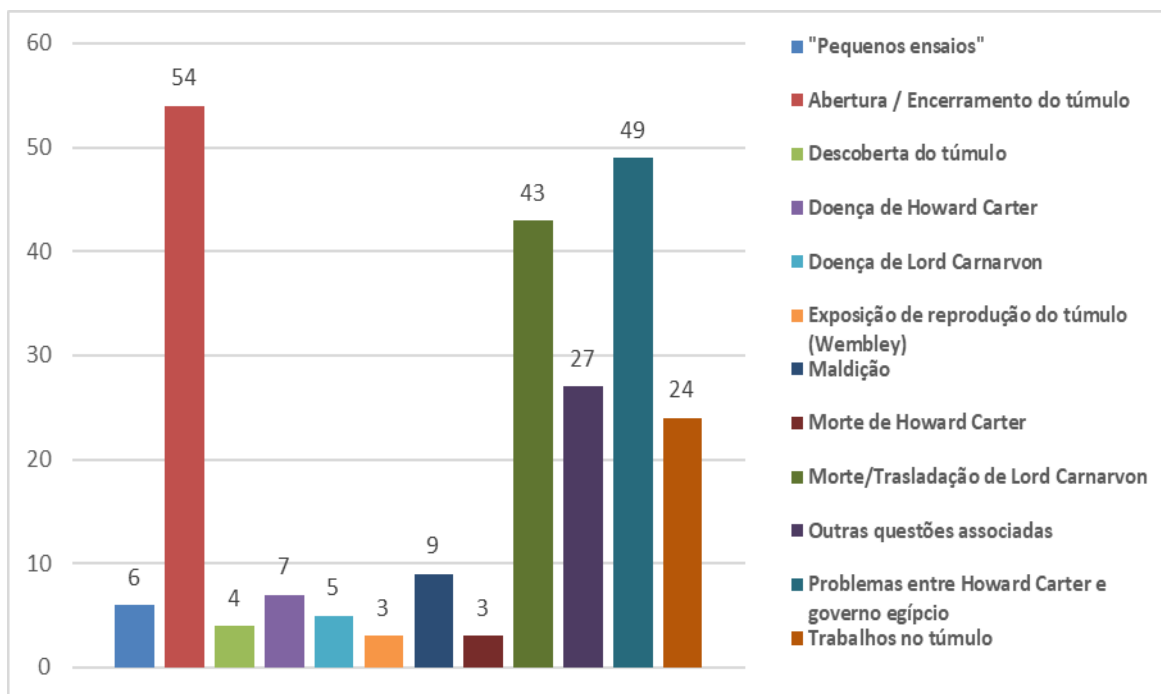
José das Candeias Sales, Susana Mota - Tutankhamon em Portugal (1923-1926): Da superstição ao ensaio académico ou os percursos que vão da «maldição da múmia» ao Hino a Aton - História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 8 n° 2. 2018. 221-252. DOI: 10.21747/0871164X/hist8\_2oe1

noticioso. Analisando de perto as características textuais do conjunto de informação compulsado, estabelecemos oito grandes tipologias de notícias (Tabela 1):

Tipologia da notícia	Nº	%
Artigo de curiosidades	2	0,9%
Artigo de opinião	4	1,7%
Texto / Imagem original assinado	4	1,7%
Artigo de cariz “científico”	8	3,4%
Notícia copiada de jornais portugueses	12	5,1%
Texto/Imagem copiado/adaptado de publicações estrangeiras	23	9,8%
Texto original (?) não assinado	38	16,2%
Notícia de agência	143	61,1%

**Tabela 1:** Tipologia das notícias publicadas

A análise das temáticas das 234 notícias publicadas (nem sempre, também, uniformes) permitiu, por outro lado, estabelecer 12 grandes temas, embora, por vezes, certas notícias contemplem mais do que uma área temática, sendo, porém, o tema principal aquele que é predominante e passando os restantes para subtemas (Gráfico 2).



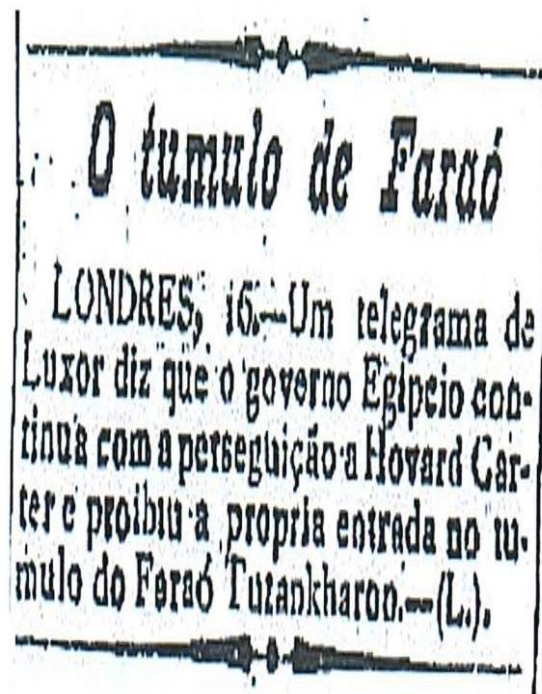
**Gráfico 2:** Temas das notícias.

José das Candeias Sales, Susana Mota - Tutankhamon em Portugal (1923-1926): Da superstição ao ensaio académico ou os percursos que vão da «maldição da múmia» ao Hino a Aton - História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 8 n° 2. 2018. 221-252. DOI: 10.21747/0871164X/hist8\_2oe1

Não obstante o número de ocorrências de certos temas, como «Abertura/Encerramento do túmulo» (54 notícias), «Problemas entre Howard Carter e governo egípcio» (49 notícias) ou «Morte/Trasladação de Lord Carnarvon» (43 notícias), estamos perante notícias sem grandes desenvolvimentos, muitas vezes simples reproduções de telegramas ou notícias de agência recebidas do estrangeiro, como se pode constatar pelos exemplos reproduzidos (Figs. 1-10)<sup>5</sup>.



**Fig. 1** *A Tarde*  
(16.02.1924, p. 1)



**Fig. 2** *A Imprensa Nova*  
(17.02.1924, p. 3)

<sup>5</sup> Não incluímos nesta listagem o tema «Outras questões associadas» (27 notícias) que, embora sejam mais desenvolvidas do ponto de vista noticioso (algumas são «artigos»), incidem sobre outros assuntos relativos à antiga civilização egípcia, paralelos, por isso, à descoberta do túmulo e episódios directamente associados.

José das Candeias Sales, Susana Mota - Tutankhamon em Portugal (1923-1926): Da superstição ao ensaio académico ou os percursos que vão da «maldição da múmia» ao Hino a Aton - História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 8 nº 2. 2018. 221-252. DOI: 10.21747/0871164X/hist8\_2oe1



Fig. 3 *Diário de Lisboa*  
 (21.02.1924, p. 7)



Fig. 4 *Novidades*  
 (15.02.1924, p.4)

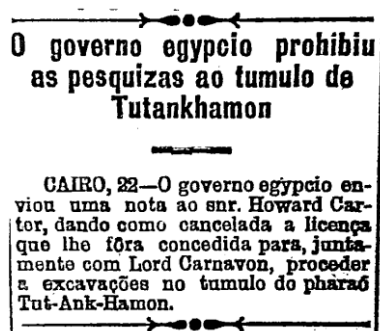


Fig. 5 *O Comercio do Porto – Ed. da Tarde*  
 (22.02.1924, p.3)



Fig. 6 *O Comercio do Porto – Ed. da Tarde*  
 (27.02.1924, p.3)



José das Candeias Sales, Susana Mota - Tutankhamon em Portugal (1923-1926): Da superstição ao ensaio académico ou os percursos que vão da «maldição da múmia» ao Hino a Aton - História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 8 nº 2. 2018. 221-252. DOI: 10.21747/0871164X/hist8\_2oe1

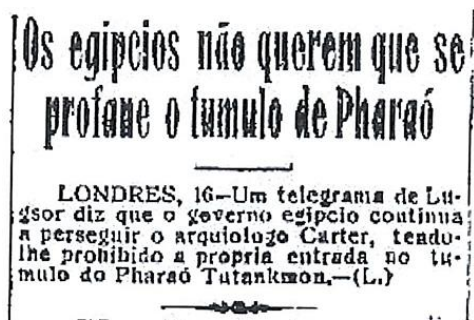


Fig. 7 *O Primeiro de Janeiro*  
(17.02.1924, p. 3)



Fig. 8 *A Capital*  
(13.04.1923, p. 1)

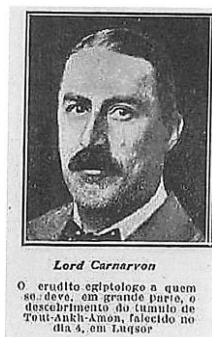


Fig. 9 *Ilustração Portuguesa*  
(14.04.1923, p. 472)



Fig. 10 *O Dia*  
(05.04.1923, p. 4)

Em contraste com estas notícias «simples», sem grande tratamento jornalístico, merecem destaque os textos alusivos à «maldição» de Tutankhamon. São apenas 9 notícias, mas a elas somam-se muitas outras que, embora pertençam a outras categorias temáticas, têm como subtema alusões diretas à problemática da maldição. Cite-se, a título de exemplo, o caso de 26 notícias pertencentes ao tema «Morte/ Trasladação de Lord Carnarvon» (43 no total) que abordam este assunto. Considerando, aliás, os subtemas *per se*, desligados dos temas a que foram conectados, salientam-se 33 casos em que as notícias evocam a maldição que a imprensa portuguesa, de mote próprio ou por indicação das notícias estrangeiras que usava, associou à abertura e exploração do túmulo e que seria a causadora direta da morte de Lord Carnarvon, a 5 de abril de 1923. Pela quantidade de alusões e pela diversidade de



José das Candeias Sales, Susana Mota - Tutankhamon em Portugal (1923-1926): Da superstição ao ensaio académico ou os percursos que vão da «maldição da múmia» ao Hino a Aton - História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 8 n° 2. 2018. 221-252. DOI: 10.21747/0871164X/hist8\_2oe1

abordagens, «A maldição da múmia» é o assunto predilecto (como tema principal ou como subtema das notícias) da imprensa portuguesa em 1923 e 1924.

A descoberta do túmulo pretensamente inviolado de Tutankhamon<sup>6</sup> ganhou, de facto, uma enorme visibilidade comunicacional com a cobertura mediática de que foi alvo, aproximando os tempos distantes da antiga história egípcia, seus principais agentes, costumes e práticas do homem comum do início do século XX, que, ao ler ou ouvir ler notícias sobre aquelas longínquas paragens, excitava a sua curiosidade e imaginação.

As notícias que quase diariamente os jornais portugueses editavam mostram que havia consciência jornalística deste interesse popular ou «filão noticioso» (que se manifestava numa procura considerável de jornais e revistas, com e sem ilustrações) e que essas edições alimentavam e aguçavam. A maioria das vezes, todavia, as notícias não estavam alicerçadas em conhecimentos históricos e científicos sólidos e comprovados, sendo terreno fértil para a promoção e desenvolvimento acelerado de estereótipos de análise e interpretação da antiga civilização egípcia onde a superstição, a magia negra e as maldições ganhavam enorme ressonância. É, no fundo, este o cenário subjacente à publicitação de notícias centradas na problemática da «vingança» ou «maldição da múmia de Tutankhamon».

Logo a partir de 1923, há várias notícias que enfatizam, sobretudo, a importância da abertura do túmulo faraónico para o conhecimento da realidade histórica do antigo Egito e até da História Universal (sobretudo pela íntima relação da história egípcia com a história hebraica ou bíblica)<sup>7</sup>. As «sensacionais descobertas» são perspectivadas como contributos inestimáveis para a elucidação de acontecimentos lendários ou enigmáticos da História Antiga. Não se podem igualmente escamotear aqueles textos jornalísticos que enfatizam as riquezas patrimoniais encontradas no túmulo de Tutankhamon e que valorizam e apreciam

---

<sup>6</sup> Em nome do rigor, é preciso mencionar que o túmulo de Tutankhamon fora violado duas vezes na Antiguidade. A primeira vez terá ocorrido pouco tempo depois do funeral real, muito provavelmente devido à ação de alguns dos intervenientes directos nessa cerimónia. Quando foi descoberta a ocorrência, o corredor de entrada no túmulo foi entulhado com escombros, para impedir novos ilícitos, como viria, todavia, a acontecer. Na segunda violação do túmulo, os assaltantes seriam apanhados e severamente castigados: mutilação e empalamento com aguçadas estacas (Reeves, 1997: 163).

<sup>7</sup> É o caso paradigmático da notícia de *A Capital* (30.01.1923, p. 1).

José das Candeias Sales, Susana Mota - Tutankhamon em Portugal (1923-1926): Da superstição ao ensaio académico ou os percursos que vão da «maldição da múmia» ao Hino a Aton - História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 8 n° 2. 2018. 221-252. DOI: 10.21747/0871164X/hist8\_2oe1

a dimensão artística da antiga civilização faraónica<sup>8</sup>. À medida que vão sendo conhecidas as magníficas peças encontradas nas várias câmaras do KV 62 (estátuas, bastões, cofres, vasos, mantos, camas, tronos, móveis, carros de guerra...), são regularmente apresentadas aos portugueses, ativando, seguramente, o seu apreço pelo incalculável valor das riquezas artísticas do povo do Nilo. Ao mesmo tempo, elogia-se o papel e a importância do trabalho arqueológico na redescoberta do passado.

No entanto, a matriz preferencial das notícias da imprensa portuguesa é constituída, sobretudo a partir de 5 de abril de 1923, pela exploração exaustiva da morte de George Edward Stanhope Molyneux Herbert, o 5º conde de Carnarvon e financiador da exploração arqueológica que conduziu à descoberta do túmulo de Tutankhamon. Lord Carnarvon nasceu a 26 de junho de 1866 e faleceu, com 56 anos, cerca de 6 semanas depois da abertura oficial da câmara funerária do túmulo (16-17 de fevereiro), justamente a 5 de abril de 1923, em resultado da infeção de uma picada de mosquito, que lhe terá provocado uma septicémia. O infeliz destino de George Edward não era raro no Egito<sup>9</sup>, mas a imprensa internacional e a portuguesa, por arrastamento, ansiosas de corresponderem ao interesse do grande público, logo lançaram a história da maldição do faraó que, assim, segundo essa tese, castigava aqueles que ousaram perturbar o seu descanso eterno.

Este tema da «vingança da múmia» ou da «vingança de Tutankhamon» integra muitos dos apelativos títulos de notícias de 1923 e 1924, fixando essencialmente a atenção do grande público na dimensão mágica, supersticiosa, pretensamente associada a antiga religião egípcia e aos seus faraós (Figs. 11-19).

---

<sup>8</sup> Podem citar-se como exemplos deste discurso apreciativo, as notícias publicadas em *Diário de Lisboa* (08.02.1923, p. 2), *ABC – Revista Portuguesa* (15.02.1923, pp. 12-13), *A Vanguarda* (17.02.1923, p. 1) e *Ilustração Portuguesa* (10.03.1923, pp. 303-306, e 19.01.1924, pp. 79-80).

<sup>9</sup> Francesco Ballerini (1877-1910), por exemplo, primeiro assistente do arqueólogo e egiptólogo italiano Ernesto Schiaparelli (1856-1928), responsável, entre outras, pela descoberta, em 1904, do túmulo da rainha Nefertari (QV 66), no Vale das Rainhas, e, em 1906, pela escavação do também intacto túmulo do arquiteto real Kha (TT8), em Deir el Medina, morreu da mesma forma, a 5 de maio de 1910 (Reeves, 2000: 165).

José das Candeias Sales, Susana Mota - Tutankhamon em Portugal (1923-1926): Da superstição ao ensaio académico ou os percursos que vão da «maldição da múmia» ao Hino a Aton - História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 8 nº 2. 2018. 221-252. DOI: 10.21747/0871164X/hist8\_2oe1



Fig. 11 *A Capital*  
(05.04.1923, p. 1)



Fig. 12 *A Tribuna*  
(05.04.1923, p. 1)



Fig. 13 *Diário de Notícias*  
(07.04.1923, p. 1)



Fig. 14 *Diário de Lisboa*  
(09.04.1923, p. 7) e *O Comércio do Porto – Ed. da tarde* (16.04.1923, p. 1)



Fig. 15 *A Capital*  
(10.04.1923, p. 2)

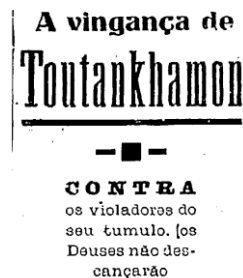


Fig. 16 *A Capital*  
(11.02.1924, p. 1)

José das Candeias Sales, Susana Mota - Tutankhamon em Portugal (1923-1926): Da superstição ao ensaio académico ou os percursos que vão da «maldição da múmia» ao Hino a Aton - História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 8 nº 2. 2018. 221-252. DOI: 10.21747/0871164X/hist8\_2oe1



**Fig. 17** *A Tarde*  
(16.02.1924, p. 1)  
e *O Comercio do Porto – Ed. da Tarde*  
(19.02.1924, p. 2)



**Fig. 18** *A Tribuna*  
(04.03.1924, p. 1)



**Fig. 19** *O Comercio do Porto*  
(19.02.1924, p. 1)

Termos como «mistério», «segredo», «ameaça», «magia», «morte», «vingança», «violadores», «profanadores», judiciosamente usados nos títulos das notícias, tinham o sortilégio de, sob uma aparência informativa, deixar passar profundos juízos de valor e, dessa forma, «inclinarem» *ab initio* a leitura e a perceção social das respetivas notícias. Há uma marcada e intencional carga sensacionalista nesses títulos.

Os títulos e o desenvolvimento das notícias partem de um preconcebido Egipto antigo, onde a primitiva religiosidade está impregnada de virtualidades tais que lhe permitem, através dos «mistérios da magia negra», transpor os tempos e castigar

José das Candeias Sales, Susana Mota - Tutankhamon em Portugal (1923-1926): Da superstição ao ensaio académico ou os percursos que vão da «maldição da múmia» ao Hino a Aton - História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 8 n° 2. 2018. 221-252. DOI: 10.21747/0871164X/hist8\_2oe1

inexoravelmente aqueles que se atreveram a mexer com a sua dimensão mais profunda que é a morte/ o sossego eterno de um seu soberano. O faraó vingava-se de todos aqueles que se atravessassem no seu caminho. Não interessava se se tratava de simples trabalhadores, de arqueólogos encartados, de grandes magnatas ou de vulgares turistas, a vingança do faraó era implacável e infalível: «E a vingança do faraó sem demora tem sobrevivendo. Assim a vingança exerce-se não só sobre os diretos profanadores do sagrado túmulo como sobre os que o profanem, nele penetrando pela curiosidade de o observar» (*A Tribuna*, 04.03.1924). Esta ideia da infalibilidade da maldição da múmia, aliás, é comum a todas estas notícias.

A morte de Lord Carnarvon é interpretada à luz das supostas maldições inscritas no túmulo de Tutankhamon e, como se escreveu em *A Tribuna* (05.04.1923), tratou-se evidentemente da «vingança misteriosa de Tout-Ankh-Amon, que mãos profanas foram despertar do sono em que jazia há tantos séculos». «Um mortal que se lembrou de ir perturbar o sono de Tout-Ankh-Amon», violando o seu túmulo, menosprezando as fórmulas mágicas de impreciação e acercando-se «das coisas sagradas», só podia ter um fim: a morte. «Tout-Ank-Amon vingasse e a antiga profecia cumpre-se», conclui a notícia, e a superstição ganha, acrescentamos nós, dimensão junto dos leitores. Parece haver uma certa «justiça» na ação do faraó, como sugere o título e a notícia de *O Comércio do Porto* (19.02.1924). Não interessa quem foi o agente da maldição faraónica que inoculou o veneno mortífero no corpo de Lord Carnarvon; aquilo que a imprensa portuguesa enfatiza é que, milénios passados, o «encantamento, tão forte como a vontade dum deus» (*A Capital*, 05.04.1923) atuou..., que «a crença na forma vingadora do famigerado faraó morto há três mil anos» (*A Tribuna*, 04.03.1924) continuava viva...

Na construção da sua teoria da vingança e da maldição, os jornais portugueses recorrem a congéneres estrangeiros (ex.: *Le Matin*), traduzindo pura e simplesmente para português as opiniões e argumentos dos jornalistas franceses (ex.: *A Capital*, 11.02.1924). As tentativas de abordagem «científica» da problemática da morte de Lord Carnarvon, com a suposta oposição entre as «bagatelas e superstições» das antigas crenças egípcias (*A Capital*, 11.02.1924) e «a ciência», como propõem, nomeadamente, as notícias do *Diário*

José das Candeias Sales, Susana Mota - Tutankhamon em Portugal (1923-1926): Da superstição ao ensaio académico ou os percursos que vão da «maldição da múmia» ao Hino a Aton - História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 8 n° 2. 2018. 221-252. DOI: 10.21747/0871164X/hist8\_2oe1

de Lisboa (09.04.1923), de *O Comércio do Porto – Ed. da tarde* (16.04.1923)<sup>10</sup> e de *A Capital* (10.04.1923), embora reconhecendo a sobrevalorização da perspectiva supersticiosa, acabam por se enredar em argumentos e contra-argumentos que, no final, não desafazem a perceção da vingança vinda do fundo dos tempos.

O grande «avanço interpretativo» dos jornais portugueses é que a «vingança do faraó» fora, afinal, a vingança dos sacerdotes do antigo Egito. Foram eles, com «encantamentos praticados (...) nas sepulturas, antes que fossem fechadas para a eternidade», que colocaram em marcha, no passado longínquo, a morte de 5 de abril de 1923: «O golpe de picareta dado ao tumulo de Tut-Ahn-Amon libertou essas forças.» (*A Capital*, 10.04.1923).

A promessa de «uma luta interessante entre a superstição e a sciencia» anunciada no subtítulo de algumas notícias sai, pois, completamente gorada, na medida em que, no vórtice da ideia dos saberes mágicos «superiores», das «forças ocultas» encerradas nos túmulos reais, dos elementos nefastos capazes de, uma vez libertados, matarem aqueles que os perturbavam ou estudavam, a «superstição» sai vitoriosa. A Arqueologia é desvalorizada e subalternizada.

### ***A Profecia ou O Mistério da Morte de Tut-Ank-Amon***

O romance editado em Lisboa, em 1924, pela Imprensa Libanio da Silva, da autoria de Fernando de Carvalho Henriques (1897-1962), intitulado *A Profecia ou O Mistério da Morte de Tut-Ank-Amon*, é composto por 14 capítulos e tem no total 150 páginas (pp. 13-162). Na narrativa principal do romance (desenvolvida nos capítulos I e VI-XIV), está encaixada uma narrativa (capítulos II-IV) sobre «factos da antiguidade», para os quais o Autor mobilizou substantivos «conhecimentos históricos» sobre o antigo Egito da época de Tutankhamon, suscitados justamente pela então recente descoberta do túmulo desse faraó<sup>11</sup>.

<sup>10</sup> Trata-se exactamente da mesma notícia, com o mesmo título, do *Diário de Lisboa* de 9 de abril, admitindo-se, pela data, a prioridade da publicação em Portugal ao jornal de Lisboa.

<sup>11</sup> As ações que formam a narrativa principal decorrem nos «modernos tempos», isto é, no século XX, na época contemporânea ao Autor: os anos 20. A narrativa encaixada («os factos históricos») é uma história passada no Egito antigo, na XVIII Dinastia, época de Tutankhamon. A interrupção cronológica introduzida no



José das Candeias Sales, Susana Mota - Tutankhamon em Portugal (1923-1926): Da superstição ao ensaio académico ou os percursos que vão da «maldição da múmia» ao Hino a Aton - História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 8 nº 2. 2018. 221-252. DOI: 10.21747/0871164X/hist8\_2oe1

Como muitos outros portugueses, o Autor conhecia certamente a feição supersticiosa que os jornais difundiam, onde «maldição», «vingança», «morte» e «mistério» eram, como vimos, tópicos frequentemente repetidos. Este «ambiente» criado pelos jornais poderá ter influenciado o próprio título escolhido para o romance onde, a par da questão central da «profecia», se conjugam o «mistério» e a «morte» de Tutankhamon.

Não se conhecem as fontes primárias ou secundárias que Carvalho Henriques utilizou para compor os capítulos II-IV do seu romance. Não se conhecem as suas leituras historiográficas sobre a época de Tutankhamon (XVIII dinastia). Não se conhece o seu efetivo entendimento sobre todos os tópicos inseridos na sua novela. Uma coisa, porém, é certa: os seus conhecimentos históricos sobre o Egito antigo são genericamente bem sustentados e provam como os ecos das longínquas escavações egípcias inspiraram e estimularam a imaginação de um ilustre desconhecido português e, através dele e do seu livro, dos seus leitores (Fig. 20).



**Fig. 20** Única fotografia de Fernando Val do Rio de Carvalho Henriques que foi possível identificar. Fonte: Torre do Tombo - Arquivo do jornal *O Século*.

---

romance pelos capítulos II-IV, qual analepse, é um processo essencial na explanação deste trabalho de Carvalho Henriques, Tem como principais personagens egípcias o jovem Nefer-hotep e a sua amada Ti. É esse recuar ao Egito antigo, condensado em 36 páginas (pp. 29-64), passado «em Tebas há trinta e três séculos» (p. 29), que sugere, portanto, o mote explicativo e a «profecia» para toda a trama da obra.

José das Candeias Sales, Susana Mota - Tutankhamon em Portugal (1923-1926): Da superstição ao ensaio académico ou os percursos que vão da «maldição da múmia» ao Hino a Aton - História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 8 nº 2. 2018. 221-252. DOI: 10.21747/0871164X/hist8\_2oe1

*A Profecia ou O Mistério da Morte de Tut-Ank-Amon* é o primeiro romance, com contornos de policial, publicado a nível internacional inspirado na grande descoberta arqueológica egípcia. Anterior a *A Profecia* existe apenas um «conto», de extensão muito menor (4 pp.), de Agatha Christie, protagonizado por Hercule Poirot, intitulado *The Grey Cells of M. Poirot: No. I. The Adventure of the Egyptian Tomb*, publicado a 26 de setembro de 1923, na revista londrina *The Sketch*.

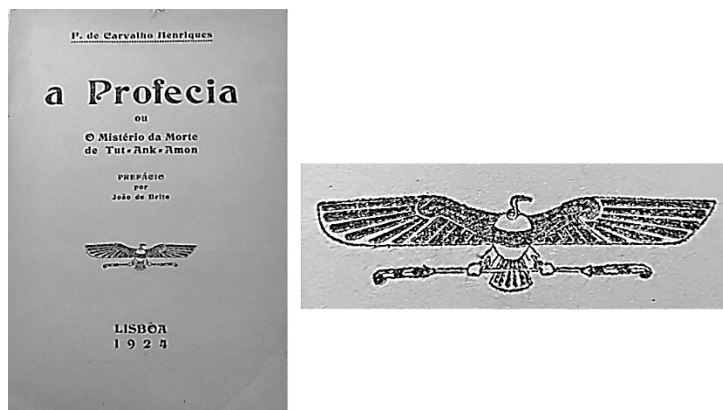
A carreira de escritor de F. de Carvalho Henriques começou em 1920, mas *A Profecia* foi a sua primeira obra literária publicada, embora não seja a primeira que escreveu<sup>12</sup>. A edição demonstra que havia clara percepção do peso da dimensão egiptológica ou egípcianizante na obra e do impacto que ela teria sobre o público português, na medida em que foi usado um apelativo motivo iconográfico egípcio no frontispício: a representação de um abutre, chamado pelos antigos Egípcios *nerau*, agarrando símbolos de eternidade com as suas fortes garras. Residente familiar dos céus egípcios, o abutre (*Gyps fulvus*), ave de poderosas garras, pescoço descarnado e recurvado, olho agressivo, longo e adunco bico, forneceu a representação alada ideal para Nekhebet, a deusa egípcia que se considerava a «Senhora do céu meridional»<sup>13</sup>.

Logo na abertura do livro, como metatexto não-verbal, a ilustração cria uma atmosfera egípcianizante favorável à mensagem literário-histórica que se pretendia transmitir e aos ecos que provocava no público informado que, nessa altura, estava particularmente predisposto para as notícias e trabalhos evocativos do antigo Egito, para mais sobre Tutankhamon, o faraó da moda (Figs. 21 e 22).

<sup>12</sup> O primeiro livro que escreveu (verão de 1922) foi *Mulheres de hoje... coração de sempre*, que só seria publicado no final do ano de 1924, já depois de *A Profecia*, cuja redação foi concluída, como o Autor menciona em apontamento inserido no final do romance, em junho-julho de 1923.

<sup>13</sup> Segundo a conceção egípcia, os edifícios religiosos estavam impregnados de simbolismo cósmico (quais microcosmos, realizações em miniatura da ordem do universo) e os tetos das salas hipostilas dos templos simbolizavam o céu. Era aí, na parte inferior dos lintéis, que se representavam conjuntos de estilizados e coloridos abutres planando, como aquele que foi escolhido para o frontispício de *A Profecia* (Wilkinson, 2000: 76, 225; Farias, 2002: 25, 27; Arnold, 2003: 235; Shafer, 2005: 8).

José das Candeias Sales, Susana Mota - Tutankhamon em Portugal (1923-1926): Da superstição ao ensaio académico ou os percursos que vão da «maldição da múmia» ao Hino a Aton - História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 8 nº 2. 2018. 221-252. DOI: 10.21747/0871164X/hist8\_2oe1



**Figs. 21 e 22** Imagem completa do frontispício da obra *A Profecia* e ampliação da representação do *nerau*.

Se prova faltasse da clara consciência e conhecimento que Carvalho Henriques possuía da informação sobre a grande descoberta arqueológica do Vale dos Reis que circulava nos jornais portugueses da época, no Cap. IX do seu romance, ao descrever as actividades quotidianas do seu personagem principal, o engenheiro José Miguel de Oliveira, diz-nos que ele recebeu, pela manhã, das mãos de um empregado, «um maço de correspondência e de jornais» (p. 85). Desdobrando um dos jornais e lendo, em diagonal, os títulos das diversas notícias, fixou a sua atenção nas duas colunas da «secção da última hora», particularmente «no fim da segunda», no texto publicado de um pequeno telegrama: «Londres. — Dizem do Cairo que no Vale dos Reis próximo do túmulo de Ramsés VI, foi descoberto o sepulcro dum rei da XVIII dinastia, supondo-se que seja o de Tut-Ank-Amon, genro do faraó Kuen-Aten. Esta descoberta de grandíssimo valor arqueológico, pois que ao contrário do que até hoje tem acontecido, o sarcófago do rei parece não ter sido violado, foi devida a Mr. Howard Carter que sob os auspícios de Lord Carnarvon, desde 1906 procedia a metódicas escavações no Egito.» (pp. 86, 87). É, portanto, precisamente através de uma notícia de jornal, no caso um telegrama, que o protagonista entra em contato direto com Tutankhamon, criando assim condições narrativas para toda a integração da trama da história antiga na estrutura do romance.

José das Candeias Sales, Susana Mota - Tutankhamon em Portugal (1923-1926): Da superstição ao ensaio académico ou os percursos que vão da «maldição da múmia» ao Hino a Aton - História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 8 n° 2. 2018. 221-252. DOI: 10.21747/0871164X/hist8\_2oe1

Não sabemos se Carvalho Henriques «compôs» o texto do telegrama enunciado no seu livro a partir da consulta/ leitura de um autêntico telegrama publicado na imprensa portuguesa ou se «reproduziu» directamente um desses telegramas (Sales, Mota, 2018: 91-107). Sabemos, sim, que há várias notícias publicadas entre o final de 1922 (momento da descoberta) e junho-julho de 1923 (data oficial da conclusão do romance) em que se poderia ter inspirado ou que poderia ter adaptado, nomeadamente uma do jornal *O Século* (03.12.1922, p. 3) intitulada «ANTIGA TEBAS. Uma grande descoberta arqueológica» (Fig. 23).

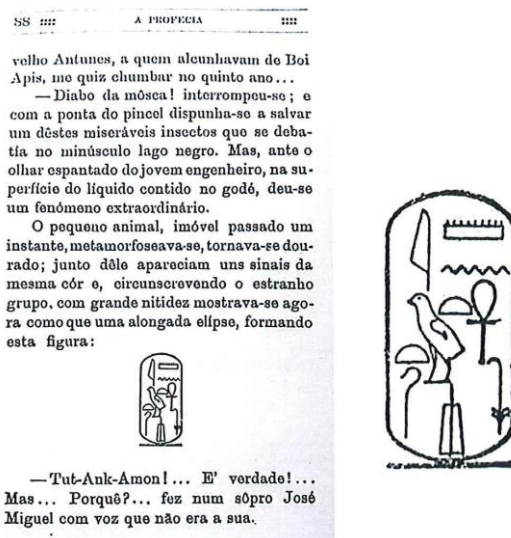


**Fig. 23** Notícia publicada em *O Século* (03/12/1922, p. 3)

Se a ilustração do frontispício do livro enviava para um símbolo visual do antigo Egito, a excepcional menção das pp. 86 e 87 remete directamente para o faraó Tutankhamon. De facto, de uma forma pouco habitual numa obra literária de ficção, na p. 88 é incluída a representação de uma cartela faraónica, com os signos hieroglíficos do nome de nascimento ou nome próprio do faraó Tutankhamon, numa grafia ordenada de cima para baixo, da esquerda para a direita: twt-anx-Imn HqA-Iwnw-Smai, *tut-ankh-amon*

José das Candeias Sales, Susana Mota - Tutankhamon em Portugal (1923-1926): Da superstição ao ensaio académico ou os percursos que vão da «maldição da múmia» ao Hino a Aton - História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 8 n° 2. 2018. 221-252. DOI: 10.21747/0871164X/hist8\_2oe1

*heka-iunu-chemai*, significando «Imagem viva de Amon, governador de Heliópolis do Alto Egito = Tebas» (Beckerath, 1999: 144, 145, 12: E2)<sup>14</sup> (Figs. 24 e 25).



**Figs. 24 e 25** Reprodução da p. 88 da obra *A Profecia* e ampliação da cartela aí representada.

Repare-se que a transcrição do nome do faraó usada por Carvalho Henriques em todo o livro (incluindo o título) não grafa corretamente, de acordo com as convenções egiptológicas, o segundo elemento (*ankh*, «vida»), provavelmente porque, não conhecendo as regras da escrita hieroglífica, preferiu uma leitura «fonética» que resultava mais fácil em português, aliviando o dígrafo egípcio *kh* do *h*. Não foi sensível a esta particularidade da onomástica do faraó da XVIII dinastia, mas foi muito certo na tradução do nome («Imagem viva de Amon»), usando para o efeito, na p. 48, uma nota de rodapé («Significação do nome Tut-Ank-Amon»), procedimento também raro num trabalho essencialmente literário. Quer a excepcional inclusão da cartela, quer esta nota esclarecedora da p. 48 são preciosos testemunhos da sua preocupação com os acontecimentos em curso e com a «informação adicional», digamos assim, que podia fornecer aos leitores do seu

<sup>14</sup> Há Autores que traduzem de forma ligeiramente diferente a segunda parte do nome de nascimento de Tutankhamon: «Governador de Heliópolis do Sul», embora se refiram igualmente à cidade de Tebas, onde se situou a capital do jovem faraó (Leprohon, 2013: 106).

José das Candeias Sales, Susana Mota - Tutankhamon em Portugal (1923-1926): Da superstição ao ensaio académico ou os percursos que vão da «maldição da múmia» ao Hino a Aton - História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 8 nº 2. 2018. 221-252. DOI: 10.21747/0871164X/hist8\_2oe1

livro<sup>15</sup>. E é esta comprometida posição, radicalmente distinta da que os jornais promoviam, que nos interessa salientar.

Desde a localização temporal da ação, em que recorre à fórmula usada nos documentos egípcios («Estava-se no primeiro ano, quarto dia do segundo mês das colheitas, do Rei do Alto e Baixo Egito, Filho do Sol, Neb-Kheper-Ra Tut-Ank-Amon, dotado de vida eterna» - p. 29), ou seja, em que se destacava o ano, o mês e o dia de reinado, seguido do nome de coroação do faraó (mesmo que tenha invertido a ordem dos meses e dos dias, colocando estes antes daqueles), até às referências onomásticas, títulos e epítetos reais (exemplos: *Sa Ré*, «filho de Ré» ou «filho do Sol», e *di ankh djet*, «dotado de vida eterna»), passando pelas corretas alusões à representação iconográfica-tipo do deus Aton («um disco solar donde partiam raios tendo mãos nas extremidades» - p. 31), pelas menções a várias divindades do panteão egípcio, embora sob as grafias usadas no início do século XX (ex.: Osíris, Set, Anúbis, Ptah, Amut/ Amenit, Re-Harmakhis-Aton/ Ra-Harmaku-Aten, Amon-Ré/ Amon-Ra, Isis e Geb/ Seb), ou as referências ao *djed*, «emblema de Osiris, simbolo da estabilidade» (p. 45), tudo evidencia que estamos perante um romancista preocupado com o rigor e a verosimilhança histórica da sua composição literária, «decorando-a» com a incorporação dessas correctas alusões ao universo cultural-religioso-ideológico-político egípcio.

Algumas «hesitações» ou «ambiguidades» de Carvalho Henriques são perfeitamente compreensíveis e justificáveis à luz da «infância» dos conhecimentos «certos» sobre Tutankhamon, cujo túmulo, saliente-se, estava ainda por esvaziar enquanto ele escrevia. Temas como as relações familiares entre Tutankhamon e Akhenaton (genro, sogro, filho?), a ordem de nascimento das filhas de Nefertiti, nomeadamente de Ankhesenpaaton

---

<sup>15</sup> Sobre este interessante pormenor do uso de notas de rodapé de carácter histórico num romance, referia-se que são usadas também nas pp. 34 (explicação do conceito egípcio de *ka*: «O espírito sob a forma de fantasma»), 36 (para traduzir «Kuen-Aten» por «Amen-hotep IV»), 44 (para definir o conceito de *ba*: «é como que um outro-eu imaterial; o *Ba* é o elemento vivificador que à hora da morte abandona o corpo sob a forma de ave com cabeça humana») e 48 (para fornecer o significado de *rometu*, termo usado pelos antigos Egípcios para «homem», *remetju*, e explicar o que era a *pschent*, «a dupla côroa do Alto e do Baixo Egito»).



José das Candeias Sales, Susana Mota - Tutankhamon em Portugal (1923-1926): Da superstição ao ensaio académico ou os percursos que vão da «maldição da múmia» ao Hino a Aton - História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 8 n° 2. 2018. 221-252. DOI: 10.21747/0871164X/hist8\_2oe1

(historicamente a terceira filha e não a sétima, como o Autor menciona) ou as várias designações topográficas que enuncia (ex.: para Tebas, Amarna e Kemet) são hoje possíveis de criticar apenas pela evolução entretanto verificada nos estudos e nos conhecimentos especializados. Na época de escrita de *A Profecia* (primeiro semestre de 1923), seria extremamente difícil, senão impossível, alguém detê-los e usá-los numa obra ficcional de forma inteiramente imaculada.

Fernando de Carvalho Henriques age de forma excepcional, digna de registo, e essas «características» da sua escrita não conseguem ensombrar o facto de o seu romance ser o primeiro trabalho a nível mundial a inspirar-se diretamente na fantástica descoberta do túmulo de Tutankhamon.

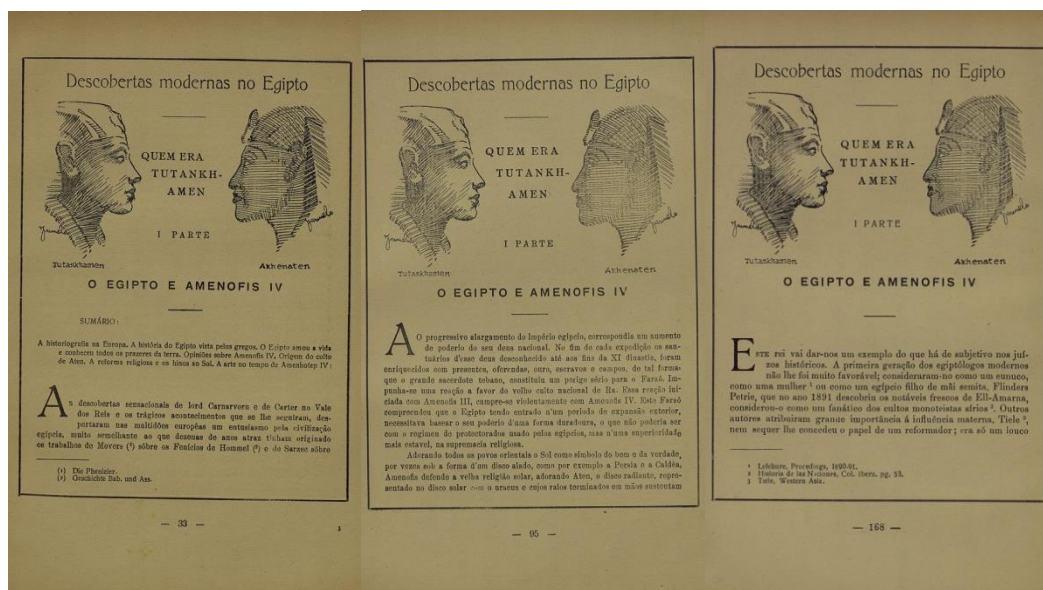
### **A tradução do *Hino a Aton***

Foi em *Diónysos. Revista Bimestral de Filosofia, Sciencia e Arte*, editada em Coimbra, que Humberto Pinto de Lima (1902-1984), então Assistente de Ciências Históricas da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, publicou, em 1925 e 1926, três ensaios, genericamente intitulados *Descobertas modernas no Egipto. Quem era Tutankhamen – I Parte. O Egipto e Amenofis IV*, suscitados também pela então recente descoberta do túmulo de Tutankhamon. O primeiro texto, com 5 páginas (pp. 33-37), foi publicado em 1925 (3ª Série, n° 1, julho), o segundo, com 6 páginas (pp. 95-100), no mesmo ano (3ª Série, n° 2, outubro) e o terceiro já em 1926 (3ª Série, n° 3, maio), com 5 páginas (pp. 168- 172). Todos os ensaios (Lima, 1925a: 33-37; 1925b: 95-100; 1926: 168-172), abrem com dois esboços dos perfis dos rostos de Tutankhamon, à esquerda, e Akhenaton, à direita, sempre designados pelo Autor como «Tutankhamen» e «Akhenaten» (Figs. 26-29).

José das Candeias Sales, Susana Mota - Tutankhamon em Portugal (1923-1926): Da superstição ao ensaio académico ou os percursos que vão da «maldição da múmia» ao Hino a Aton - História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 8 nº 2. 2018. 221-252. DOI: 10.21747/0871164X/hist8\_2oe1



Fig. 26 Foto ampliada de Humberto Pinto de Lima. Fonte: < <http://antonioquadros.blogspot.com/2011/09/ano-lectivo-1927-1928-da-faculdade-de.html>>



Figs. 27-28-29 Esboços desenhados dos perfis dos rostos de Tutankhamon, à esquerda, e Akhenaton, à direita. Página inicial de cada um dos três números da *Díonysos*.

A reflexão tripartida de Pinto de Lima foi motivada pela descoberta do túmulo de Tutankhamon e pela morte de Lord Carnarvon ocorrida dois anos antes, como explicitamente se enuncia no primeiro texto de 1925: «As descobertas sensacionais de lord

José das Candeias Sales, Susana Mota - Tutankhamon em Portugal (1923-1926): Da superstição ao ensaio académico ou os percursos que vão da «maldição da múmia» ao Hino a Aton - História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 8 nº 2. 2018. 221-252. DOI: 10.21747/0871164X/hist8\_2oe1

Carnarvon e de Carter no Vale dos Reis e os trágicos acontecimentos que se lhe seguiram, despertaram nas multidões europeias um entusiasmo pela civilização egípcia, muito semelhante ao que dezenas de anos atrás tinham originado os trabalhos ...de Champollion e de Mariette...» (Lima, 1925a: 33).

Este «entusiasmo pela civilização egípcia» atingiu também Pinto de Lima e compeliu-o ao estudo do Egito do Império Novo («O Egito e Amenofis IV»), quando existiram os faraós «Akhenaten» e «Tutankhamen», fazendo-o com a sustentação e erudição académica própria do seu tempo. Por exemplo, a menção a «Champollion» e «Mariette» é acompanhada de indicações bibliográficas em notas de rodapé: de Jean-François Champollion referem-se *L’Égypte sous les Pharaons*<sup>16</sup> e *Lettre a M. Dacier*<sup>17</sup>, obras de 1814 e 1822, respectivamente, mas cujos anos ou local de edição não são mencionados; de Auguste Mariette são listadas três obras (*Notice des Principaux Monuments*<sup>18</sup>, *Les Listes Geographiques des Pylones de Karnak*<sup>19</sup> e *Lettres et Souvenirs*<sup>20</sup>), sem, porém, igualmente, indicar as respetivas datas ou locais de publicação.

O seu discorrer sobre o Egito e sobre as figuras de «Amenofis IV» e «Tutankhamen» é enquadrado por uma série de pressupostos historiográficos que o levam, por exemplo, a enumerar alguns conhecidos documentos egípcios como «as inscrições de Unas», «os frescos d’Ell-Amarna» e «os textos de Ptah-hotep», alicerçando sempre, como a boa metodologia académica recomenda, as suas afirmações e argumentos em trabalhos científicos, no caso de autores franceses.

<sup>16</sup> O título completo desta obra de Champollion, publicada em Paris, em 1814, é *L’Égypte sous les Pharaons, ou recherches sur la géographie, la religion, la langue, les écritures et l’histoire de l’Égypte avant l’invasion de Cambyse*.

<sup>17</sup> A *Lettre à M. Dacier relative à l’alphabet des hiéroglyphes phonétiques employés par les Égyptiens pour inscrire sur leurs monuments les titres, les noms et les surnoms de souverains grecs et romains*, publicada também em Paris, em 1822, é considerada o texto fundador da decifração dos hieróglifos egípcios e das suas significações lineares (Sales, 2001: 198-199; Goyon, 1989).

<sup>18</sup> O título completo desta obra, editada em Paris, em 1869, é *Notice des principaux monuments exposés dans les galeries provisoires du Musée d’Antiquités Égyptiennes de S.A. le vice-roi A. Boulaq*.

<sup>19</sup> Esta obra foi publicada em 1875, em Leipzig, e teve também um extenso título: *Les Listes Geographiques des Pylones de Karnak Comprenant La Palestine, L’Ethiopie, Le Pays des Somâl*.

<sup>20</sup> Já do século XX (1904), o título completo desta obra publicada em Paris era *Lettres et Souvenirs personnels (avec un portrait de Mariette Pacha)*.

José das Candeias Sales, Susana Mota - Tutankhamon em Portugal (1923-1926): Da superstição ao ensaio académico ou os percursos que vão da «maldição da múmia» ao Hino a Aton - História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 8 nº 2. 2018. 221-252. DOI: 10.21747/0871164X/hist8\_2oe1

Nos seus ensaios, o Autor estabelece várias «oposições argumentativas»: ao Egito abstracto descrito pelos Gregos, por exemplo, opõe o Egito da visão egípcia. No mesmo registo antitético, no primeiro ensaio de 1925, opõe «Amenofis IV» e «Tutankh-Amen»<sup>21</sup>, que classifica de «sôgro e genro» e personificações dos «dois polos opostos da vida egípcia». Para ele, Amenófis IV é alguém que «sonha com um Egipto maior, tendo um domínio externo mais estável, procurando para isso tornar-se o chefe religioso de toda a Ásia Ocidental», baseando toda a sua política internacional num «culto abstracto, comum a todo o Oriente desde a Índia até aos povos asiáticos: o culto do disco solar, Aten» (Lima, 1925a: 36). Desta vez, para a sustentação erudita da suas conclusões, serve-lhe de referência bibliográfica «Moret, *Des Clans aux Empires*, pag. 341»<sup>22</sup>.

Pinto de Lima não esconde a sua preferência por Amenófis IV/ Akhenaton, pelo seu reinado e pelos seus contributos para a história egípcia. Segundo ele, o seu reinado foi «artística e literariamente o mais brilhante da longa série de dinastias egípcias, explicando-se esse grande desenvolvimento do espírito de então pela liberdade e vida que revela o culto por ele introduzido» (Lima, 1925a: 36). Por sua vez, para ele, Tutankhamon é «que destruirá o culto de Aten (derivado do velho culto nacional de Ra) e que facilita o advento de uma família querida do sacerdócio tebano» (Lima, 1925a: 36). Para o nosso Autor, Tutankhamon, que, erradamente, coloca na XIX dinastia, é um «exclusivista, preso ao culto restrito tebano», capaz, não obstante, de proteger os artistas «que souberam criar as maravilhas que surpreenderam os felizes descobridores do seu túmulo em Biban-el-Muluk<sup>23</sup>» (Lima, 1925a: 36).

Justificando os perfis dos dois faraós desenhados no início do artigo e sem disfarçar a clara simpatia por Amenófis IV/ Akhenaton, Pinto de Lima escreve a terminar o seu primeiro trabalho: «A forte vida interior, a independência de intelecto e a coragem moral,

<sup>21</sup> Ao contrário do que acontece na primeira página deste texto, junto ao desenho do perfil do rosto do faraó (e depois nos dois ensaios seguintes), em que prefere a forma «Tutankhamen», no corpo do texto usa sempre a forma «Tutankh-Amen» (3 vezes).

<sup>22</sup> A referência correcta e completa é Alexandre Moret e Georges Davy, *Des Clans aux Empires: l'organisation sociale chez les primitifs et dans l'Orient ancien*, Paris, La Renaissance du Livre, 1923.

<sup>23</sup> «Biban el-Muluk», isto é, «Portas do Rei», é a designação em árabe para o Vale dos Reis, em Tebas ocidental.

José das Candeias Sales, Susana Mota - Tutankhamon em Portugal (1923-1926): Da superstição ao ensaio académico ou os percursos que vão da «maldição da múmia» ao Hino a Aton - História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 8 n° 2. 2018. 221-252. DOI: 10.21747/0871164X/hist8\_2oe1

capaz de arrostar com o poderio dos sacerdotes de Tebas, e que tanto distingue Kuenaton<sup>24</sup>, vê-se bem vincada no suave perfil que encima êste artigo, bem como a bondade e uma certa frieza e resignação doentias, ao passo que o perfil que lhe está fronteiro revela bem a indecisão, a fraqueza, o orgulho, o fanatismo, talvez a bondade, e certamente o pouco sentimentalismo de Tutankh-Amen. O primeiro é uma obra prima do estilo naturalista egípcio, o segundo é um modelo do princípio da decadência dêsse estilo, e o início do rígido, hierático estilo e convencional, que deste reinado em diante irá predominar» (Lima, 1925a: 36-7).

Não surpreende, por isso, que o segundo ensaio de Pinto de Lima se centre especificamente no faraó Amenófis IV e no Egito do seu tempo. Obrigatoriamente, menciona o novo deus «Aten» («deus desconhecido até aos fins da XI dinastia» - Lima, 1925b: 85), que destitui o «poderoso deus tebano», ou seja, Amon. Todas as formulações que apresenta e escarpeliza são historicamente corretas, certamente recolhidas na bibliografia especializada consultada.

O mais substantivo deste segundo trabalho de Pinto de Lima, arrolado sob a alínea «A reforma religiosa e os hinos ao Sol», decorrendo do seu levantamento e apreço pela vida e pela conduta de Amenófis IV, é a tradução que faz para português do *Hino a Aton*. Não o faz a partir de originais egípcios, que não sabia ler, mas através da consulta de abalizadas obras da sua época, de que dá conta em nota de rodapé, informando os leitores do processo metodológico usado: «Esta tradução foi elaborada, segundo trechos reproduzidos por Moret, *Rois et Dieux de l'Égypte*, pp. 62; Id. *Des Clans aux Empires*, pg. 345, Maspero, *Hist. des Peuples de l'O.* Vol. II, pg 320, Lagier, *L'Égypte Mon. et Pit.* pg. 102, Naville, *La Religion Egyptienne* pg. 131, e Petrie, *Hist. de las Naciones*, trad. Ibern. pg. 32.» (Lima, 1925b: 96, nota 1)

Como se nota, o Autor é devedor da Egiptologia francesa e inglesa de final do século XIX/ início do século XX e das suas produções, no caso das obras de Alexandre Moret (*Rois et Dieux d'Égypte*, de 1911, e *Des Clans aux Empires*, de 1923), de Gaston

---

<sup>24</sup> Designação usada para Akhenaton.

José das Candeias Sales, Susana Mota - Tutankhamon em Portugal (1923-1926): Da superstição ao ensaio académico ou os percursos que vão da «maldição da múmia» ao Hino a Aton - História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 8 n° 2. 2018. 221-252. DOI: 10.21747/0871164X/hist8\_2oe1

Maspero (*Histoire ancienne des Peuples de l'Orient classique*, de 1897), de Camille Lagier (*L'Egypte monumentale et pittoresque. Notes de voyage*, com a 1ª ed. em 1914 e a 2ª ed. em 1922), de Édouard Naville (*La religion des anciens Égyptiens*, de 1906) e de Flinders Petrie, embora neste caso tenha usado a tradução para espanhol de Guillermo de Boladeres Ibern, como ele indica, de 1920, editada em Barcelona, na Casa Editorial, sob a designação completa de *Historia de las Naciones: popular, concisa, pintoresca y autorizada relación de cada una de las naciones desde los tiempos más remotos hasta nuestros días (Tomo I)*<sup>25</sup>.

Sobre o hino solar em causa, P. de Lima reconhece a sua «expressão grandiosa, e delicada inspiração» (Lima, 1925b: 98), e destaca os três aspectos mais relevantes que, na sua opinião, ele contempla: a igualdade entre o faraó Akhenaton e a rainha Nefertiti (também vista na arte, como ele observa); a menção aos países estrangeiros anteceder a que é feita ao Egito e a identificação de Aten como «deus todo poderoso» do Egito (Lima, 1925b: 98)<sup>26</sup>.

O resto do segundo ensaio é consagrado a referências às manifestações artísticas (*A arte no tempo de Amenhotep IV*), denotando claramente que o Autor observara alguns artefactos artísticos em obras especializadas ou que consultara descrições/ opiniões escritas sobre as mesmas ou ambas as coisas: «Encanta-nos a intimidade da família real revelada pelas representações de Ikutaten<sup>27</sup> contrastando fortemente com o nulo ambiente familiar que as representações das outras épocas nos revelam. Há mesmo uma representação da rainha sentada, n'uma atitude de gracioso abandono, nos joelhos do rei» (Lima, 1925b: 98).

<sup>25</sup> A tradução de Flinders Petrie no original inglês estava integrada no Cap. I (*The Egyptians*, pp. 1-68), da *Hutchinson's story of the nations*, de c. de 1920, publicada em Londres pela Hutchinson & Co. (Publishers) Ltd.

<sup>26</sup> Uma análise mais detalhada sobre os aspectos associados à tradução do *Hino a Aton* por Humberto Pinto de Lima, em 1925, encontra-se em «Tutankhamon em Portugal: relatos na imprensa portuguesa (1922-1939). A revista *Diónyssos*, Humberto Pinto de Lima e Tutankhamon, texto por nós preparado para o n° 18 da *Revista de História da Sociedade e da Cultura* do Centro de História da Sociedade e da Cultura da Universidade de Coimbra, presentemente ainda no prelo (texto submetido em 22/09/2017 e aprovado em 27/11/2017). Sobre os hinos solares egípcios e o *Hino a Aton* propriamente dito, ver Barucq, Daumas, 1980: 115-179; Lichtheim, 1976: 96-100; Simpson, 1973: 289-295; Grandet, 1995: 99-120; Assmann, 2001: 58-61, 103, 207, 211; Foster, 2001, 1-7; Quirke, 1992: 42; Goyon, 1998: 157-178.

<sup>27</sup> Designação usada para a cidade de Akhetaton, Tell el-Amarna.



José das Candeias Sales, Susana Mota - Tutankhamon em Portugal (1923-1926): Da superstição ao ensaio académico ou os percursos que vão da «maldição da múmia» ao Hino a Aton - História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 8 n° 2. 2018. 221-252. DOI: 10.21747/0871164X/hist8\_2oe1

Quando publica o seu terceiro trabalho, já em 1926, Pinto de Lima vai regressar ao tratamento do faraó Amenófis IV com a pretensão expressa de, a partir desse exemplo, mostrar o «que há de subjectivo nos juízos históricos» (Lima, 1926: 168), procurando como que uma reabilitação deste faraó, face aos «juízos» negativos («eunuco», «mulher», «filho de mãe semita», «fanático dos cultos monoteístas sírios» e «louco fanático») emitidos por alguns historiadores (Lima, 1926: 168-9). Para o efeito, recorre, uma vez mais, a estudiosos com opiniões mais favoráveis que ele sobrescrevia (Maspero, Naville, Erman e, sobretudo, Moret): «Maspero, Naville, Erman, e finalmente Moret, foram-lhe mais favoráveis, principalmente este último, que considera a sua política internacional como uma criação admirável, chocante pela amplitude de vistas, pela beleza das concepções, pelo elevado dos sentimentos.» (Lima, 1926: 169)

O aspecto mais significativo dos ensaios do assistente de História Antiga da Universidade do Porto é constatar quão afastada estava a sua reflexão das explicações fáceis, simples e nada comprovadas dos textos jornalísticos da época. O aprofundamento das temáticas, o recurso à metodologia e erudição académica e o acompanhamento atualizado das produções bibliográficas da Egiptologia científica, sobretudo de origem francesa, colocam o seu contributo num patamar completamente diferente, superior. Estamos no campo das explicações científicas ou, pelo menos, da sua procura intencional por parte deste docente universitário.

É esse distinto «posicionamento epistemológico» em relação ao «clima» egiptológico do seu tempo que conduz Pinto de Lima às relevantes questões da origem asiática do culto solar a Aton e da afinidade do culto solar atoniano com os cultos monoteístas semitas, próximo da demanda de um sentido monoteísta ou monoteizante subjacente à antiga religião egípcia, bem como à tradução do *Hino a Aton*. Ao fazê-la, fez apenas a primeira tradução para português desse texto religioso... passaria mais de meio

José das Candeias Sales, Susana Mota - Tutankhamon em Portugal (1923-1926): Da superstição ao ensaio académico ou os percursos que vão da «maldição da múmia» ao Hino a Aton - História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 8 n° 2. 2018. 221-252. DOI: 10.21747/0871164X/hist8\_2oe1

século até que com intuitos académicos, o mesmo texto voltasse a ser traduzido em Portugal<sup>28</sup>.

## Conclusão

O discurso jornalístico sobre a descoberta e exploração do túmulo de Tutankhamon promovido pela imprensa portuguesa, de mão própria ou inspirado/ copiado de outras congéneres europeias, dependeu daquilo que lhe estava diretamente subjacente (a descoberta do túmulo) e daquilo que pretendia privilegiar: essencialmente, a maldição da múmia que, por tenebrosas artes mágicas, atingia aqueles que profanaram o túmulo KV 62. Nos textos e nas imagens da imprensa portuguesa de 1923-1924, o Egito da «maldição dos faraós» é um lugar romanesco, ficcional, de seres exóticos, crédulos e supersticiosos e de experiências espirituais extraordinárias, enigmáticas, mágicas. Os jornais portugueses da época contribuíram de forma sensacionalista para lançar num público alargado, sobretudo, a ideia da «maldição da múmia».

Não se conhecem as fontes primárias ou secundárias que Fernando de Carvalho Henriques utilizou para compor os capítulos II-IV de *A Profecia ou O Mistério da Morte de Tut-Ank-Amon*, publicado em 1924. Não se sabe a que autores terá recorrido para a composição histórico-ficcional com que revestiu esses capítulos centrados no Egito antigo. Não se conhece com total exactidão que entendimento possuía sobre os tópicos egípcios que inseriu na sua novela. Uma coisa, porém, é certa: os seus conhecimentos históricos sobre o Egito antigo, sobretudo para a época de Tutankhamon (XVIII dinastia), são genericamente bem sustentados, aprofundados, não obstante uma ou outra referência mais imprecisa, incompleta ou desfasada, perfeitamente aceitável para um romancista não especializado em Egiptologia.

---

<sup>28</sup> São os casos das traduções de Lopes (1989: 165-169), Sales (1999: 76-78), Carreira, (2004: 258-261) e Araújo (2005: 97-102). Todos estes autores, como Pinto de Lima, usaram sobretudo versões francesas e inglesas para as suas traduções. A primeira tradução a partir do hieroglífico será feita por Carreira (2008).

José das Candeias Sales, Susana Mota - Tutankhamon em Portugal (1923-1926): Da superstição ao ensaio académico ou os percursos que vão da «maldição da múmia» ao Hino a Aton - História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 8 n° 2. 2018. 221-252. DOI: 10.21747/0871164X/hist8\_2oe1

A meio caminho entre a produção jornalística e o trabalho académico mais especializado, a obra literária ficcional de Carvalho Henriques, o primeiro romance publicado a nível mundial inspirado na grande descoberta arqueológica egípcia, não se liberta por completo da vertente supersticiosa que as notícias jornalísticas haviam gerado, mas apoia-se já numa pesquisa prévia, organizada, seguramente com recurso a alguma bibliografia específica, e numa intenção de rigor que consegue, simultaneamente, aliar a esse reconhecido motor da credence – tópico de irresistível atração para um romance que se pretende vulgarizar – a transmissão de variados elementos de sustentada interpretação histórica.

Os três ensaios publicados na revista *Dyónisos*, em 1925 e 1926, assinados por Humberto Pinto de Lima, assumem uma finalidade académico-científica, à luz dos conhecimentos científicos disponíveis na época. Mais atraído por Amenófis IV do que por Tutankhamon, Pinto de Lima foi muito sensível à questão do culto solar atoniano e, em consequência, procedeu a uma análise aprofundada das suas origens e motivações. Socorrendo-se de egiptólogos franceses e ingleses do seu tempo, traduziu para português o fundamental *Hino a Aton*, cuja autoria é atribuída ao próprio faraó Akhenaton. Historicamente, foi a primeira tradução para português de tal texto e um notável testemunho da influência e do entusiasmo sobre a civilização egípcia gerados pela descoberta do túmulo de Tutankhamon.

A tese jornalística da «maldição da múmia», o romance policial *A Profecia ou o Mistério da Morte de Tut-Ank-Amon* e a tradução, em contexto académico, para português, do *Hino a Aton* são três eixos distintos, mas interligados, da forma como, entre 1923 e 1926, foi recepcionada em Portugal a grande descoberta arqueológica egípcia de 1922 e dos percursos interpretativos que vão da simples superstição ao abalizado estudo científico, passando pelo experimental tratamento literário-ficcional.

### **Bibliografia:**

ARAÚJO, Luís Manuel de (2005), *Mitos e lendas do antigo Egito*, Lisboa, Centralivros.

José das Candeias Sales, Susana Mota - Tutankhamon em Portugal (1923-1926): Da superstição ao ensaio académico ou os percursos que vão da «maldição da múmia» ao Hino a Aton - História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 8 n° 2. 2018. 221-252. DOI: 10.21747/0871164X/hist8\_2oe1

ARNOLD, Dieter (2003), *The Encyclopedia of Ancient Egyptian Architecture*, Cairo, The American University in Cairo Press.

ASSMANN, Jan (2001), *The search for God in ancient Egypt*, Ithaca & London, Cornell University Press.

BARUCQ, André; DAUMAS, François (1980), *Hymnes et prières de l'Égypte Ancienne*, Paris, Les Éditions du CERF.

BECKERATH, Jürgen von (1999), *Handbuch der Ägyptischen Königsnamen*. Mainz, Verlag Philipp Von Zabern.

CARREIRA, Paulo (2004), “Textos da religião de Aton”, *Revista Portuguesa de Ciência das Religiões*, Ano III, n.º 5/6, pp. 231-262.

CARREIRA, Paulo (2008), *Akhenaton, uma perspectiva teo-histórica*, Tese de Mestrado em «História e Cultura Pré-Clássica», Lisboa, Universidade de Lisboa.

CARVALHO, Fernando Henrique de (1924), *A Profecia ou O Mistério da Morte de Tut-Ank-Amon*, Lisboa, Imprensa Libanio da Silva.

FARIAS, Cláudia Monte (2002), “O templo no antigo Egito: simbolismo e iconografia”. *ARTIS. Revista do Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras de Lisboa*, nº1, pp.17-30.

FOSTER, John L. (2001), *Ancient Egyptian Literature. An anthology*, Austin, University of Texas Press.

GOYON, Jean-Claude (1989), *Lettre a M. Dacier par Jean-François Champollion suivie de La Bataille des Hiéroglyphes*, Montpellier, Fata Montana.

GOYON, Jean-Claude (1998), *Rê, Maât et Pharaon ou le destin de l'Égypte antique*, Lyon, Éditions A.C.V.

GRANDET, Pierre (1995), *Hymnes de la religion d'Aton (Hymnes du XIV<sup>e</sup> siècle avant J.-C.)*, Paris, Editions du Seuil.

LE MOS, Mário Matos e (2006), *Jornais diários portugueses do século XX: um dicionário*, Coimbra, Ariadne Editora/ Ceis20.

José das Candeias Sales, Susana Mota - Tutankhamon em Portugal (1923-1926): Da superstição ao ensaio académico ou os percursos que vão da «maldição da múmia» ao Hino a Aton - História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 8 nº 2. 2018. 221-252. DOI: 10.21747/0871164X/hist8\_2oe1

LEPROHON, Ronald J (2013), *The Great Name: Ancient Egyptian Royal Titulary*, Atlanta, Society of Biblical Literature.

LICHTEIM, Miriam (1976), *Ancient Egyptian Literature. A book of readings. Volume II: The New Kingdom*, Berkeley-Los Angeles-London, University of California Press.

LIMA, Pinto de (1925a), “Descobertas modernas no Egito. Quem era Tutankhamen – I Parte. O Egito e Amenofis IV”, *Diónyssos*, 3ª Série, nº 2, pp. 33-37.

LIMA, Pinto de (1925b), “Descobertas modernas no Egito. Quem era Tutankhamen – I Parte. O Egito e Amenofis IV”, *Diónyssos*, 3ª Série, nº 2, pp. 95-100.

LIMA, Pinto de (1926), “Descobertas modernas no Egito. Quem era Tutankhamen – I Parte. O Egito e Amenofis IV”, *Diónyssos*, 3ª Série, nº 3, pp. 168-172.

LOPES, Maria Helena Trindade (1989), *O homem egípcio e sua integração no Cosmos*, Lisboa, Teorema.

QUIKE, Stephen (1992), *Ancient Egyptian Religion*, Lonod, The British Museum Press.

REEVES, Nicholas (2000), “1922. The tomb of Tutankhamun” in Nicholas Reeves (dir.), *Ancient Egypt. The great discoveries. A year-by-year chronicle*, Londres, Thames & Hudson, pp. 160-166.

REEVES, Nicholas (1997), *The complete Tutankhamun. The King. The Tomb. The Royal Treasure*, Cairo, The American University in Cairo Press.

SALES, José das Candeias (1999), *As divindades egípcias. Uma chave para a compreensão do Egito antigo*, Lisboa, Editorial Estampa.

SALES, José das Candeias (2001), “Champollion” in Luís Manuel de Araújo (org.), *Dicionário do Antigo Egito*, Lisboa, Editorial Caminho, pp. 198-199.

SALES, José das Candeias; MOTA, Susana Mota (2018), “A Agência Radio de Alejo Carrera Muñoz: contributos para a história das agências noticiosas em Portugal (anos 20 e 30 do séc. XX)”, *Revista Portuguesa de História da Comunicação*, nº2, pp. 91-107 [consulta em 28/08/2018]. Disponível em:

[http://www.revistahc.sopcom.pt/ficheiros/20180130-jos\\_\\_das\\_candeias\\_sales\\_e\\_susana\\_mota.pdf](http://www.revistahc.sopcom.pt/ficheiros/20180130-jos__das_candeias_sales_e_susana_mota.pdf)

José das Candeias Sales, Susana Mota - Tutankhamon em Portugal (1923-1926): Da superstição ao ensaio académico ou os percursos que vão da «maldição da múmia» ao Hino a Aton - História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 8 nº 2. 2018. 221-252. DOI: 10.21747/0871164X/hist8\_2oe1

SHAFER, Byron E. (2005), “Temples, priests, and rituals: an overview” in Byron E. Shafer (ed.), *Temples of Ancient Egypt*, Cairo, The American University of Cairo, pp.1-30.

SIMPSON, William Kelly (1973), *The Literature of Ancient Egypt. An anthology of stories, instructions, and poetry*, New Haven/ London, Yale University Press.

WILKINSON, Richard (2000), *The complete temples of Ancient Egypt*, London, Thames & Hudson.